

De volta ao futuro da língua portuguesa.

Atas do V SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa

Simpósio 28 - Desafios e estratégias tradutórias para o século XXI e a tradução aplicada ao ensino de PLE, 3725-3738

ISBN 978-88-8305-127-2

DOI 10.1285/i9788883051272p3725

<http://siba-esel.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento

TRADUTOR “IMPRÓPRIO”: DO PORTUGUÊS AO ITALIANO ENTRE IDENTIDADE E ALTERIDADE

Katia de Abreu CHULATA²¹

RESUMO

A presente comunicação sugere uma reflexão sobre a “singular” e também “plural” condição do tradutor que atue na particular experiência aqui descrita.

A ação – que diz respeito ao livro *Oração pelo poema*, de Alberto da Cunha Melo, traduzido em língua italiana – propôs uma sugestiva reflexão sobre “identidade” e “alteridade”.

Tal tradutor, nessa circunstância, traduz um texto poético para uma língua que, mesmo não sendo a sua língua materna, de fato lhe pertence plenamente, já que utilizada cotidianamente na sua vida profissional e nas relações sociais.

Realiza-se, dessa forma, uma “mistura identitária” que se propõe como dispositivo de mediação do relacionamento que o tradutor “intencionalmente exerce”, consciente de uma hibridação linguística e cultural que compõe a moldura no interior da qual pode se tornar legítima a sua re-leitura e a sua re-interpretação do texto.

Uma avaliação que, exatamente enquanto reconhece uma pluralidade das perspectivas latentes no texto a ser traduzido, induz, de fato, a confirmar a conotação “aberta” do produto cultural.

Verifica-se, assim, a situação atípica de uma ação tradutória já não exercida na condição tradicional em que o eu/tradutor traduz na própria língua o texto do *outro*. Ao contrário, verifica-se a condição na qual o eu/tradutor *re-versa* o texto na (*sua*) língua estrangeira.

PALAVRAS-CHAVE: tradução; identidade; alteridade; pluralidade.

INTRODUÇÃO

Che il progetto di una lingua universale, (seppure per questa mai voluta intendere una lingua propria e nativa e materna e quotidiana di tutte le nazioni) è una chimera non solo materialmente, e relativamente, e per le circostanze e le difficoltà che risultano dalle cose quali ora sono, ossia dalla loro condizione attuale, ma anche

21 Università “Gabriele d’Annunzio” de Chieti-Pescara, Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Moderne. Endereço para correspondência: Contrada Vento-Commenda, 74020, Campomarino, Maruggio (TA), Itália. kdeabre@hotmail.com.

*in ordine all'assoluta natura degli uomini; vale a dire non
solamente in pratica, ma anche in ragione.*

Giacomo Leopardi

Num artigo de 1998, intitulado “Leer es como traducir”, Gadamer nos empurra para o *abismo* da interpretação, afirmando que “entranha a tradução todo o mistério da comunicação social e da compreensão humana” (Gadamer 1998: 84 apud Larrosa, 2004:66). Tal afirmação, aparentemente, faz com que consideremos a prática da tradução como fato extremamente obscuro, principalmente, se nos influenciarmos pela palavra *mistério*. Na verdade, o que o filósofo nos oferece é uma reflexão sobre a tradução que não permanece isolada no âmbito de estudos que se preocuparam ao longo dos anos em resolver problemas práticos e teóricos de tradução, ignorando a questão da leitura, da interpretação e da impossibilidade de explicitar a recepção – lembremos, a esse propósito, a *equivalência dinâmica* de Eugène Nida, com seu modelo de tradução focada na produção do efeito equivalente da mensagem sobre o receptor, como se fosse possível uma equivalência de interpretação no tempo e no espaço. Essa é uma pretensão dogmática, pois “mesmo o texto mais denso e a exegese mais lúcida nunca são completos. Sempre haverá lacunas, espaços para diferente interpretação e variável recepção. Aí se encontra a energia do texto” (Gentzler, 2009:85). Gadamer nas suas especulações filosóficas preocupou-se sempre com a “leitura”, com a experiência da leitura, indagando sobre fatos sobre os quais nunca paramos para pensar e, por isso mesmo, nos parecem desconhecidos (cf. Larrosa, 2004). Está presente no capítulo 12 de *Verdade e método*, intitulado “A linguagem como meio da experiência hermenêutica”, uma passagem clara sobre a questão do não isolamento epistemológico em questão de tradução, sobre a indissociável relação, ou até mesmo considerando a tradução como um dos processos da interpretação, da leitura:

o exemplo do tradutor que tem que superar o abismo das línguas mostra com particular propriedade a relação recíproca que se desenvolve entre o intérprete e o texto, que se corresponde com uma reciprocidade do acordo na conversação. Todo tradutor é intérprete. Que algo esteja em uma língua estranha não é senão um caso extremo de dificuldade hermenêutica, isto é, da estranheza e a superação da estranheza. A tarefa própria do tradutor não se distingue qualitativamente, mas apenas gradualmente, da tarefa hermenêutica geral que propõe qualquer texto. (Gadamer 1984: 465-466 apud Larrosa 2004:65)

Já Steiner, em *After Babel*, intitulava o primeiro capítulo do seu livro “Compreender é traduzir” e no prólogo da segunda edição do mesmo livro afirma que “a tradução se acha formal e pragmaticamente implícita em todo ato de comunicação, na emissão e recepção de qualquer modo de significado. [...] compreender é decifrar. Ouvir um significado é traduzir”.(Steiner 1977:12 apud Larrosa:64)

Como podemos verificar, Steiner, que lidou de maneira relevante e abrangente com a teoria de Chomsky, precede Gadamer na intuição da tradução como modalidade de leitura/compreensão/interpretação. Partindo, pois, dessa intuição, consideraremos a tradução segundo o arcabouço teórico da tradução como transformação/atribuição de significação, segundo, no entanto, uma ótica não binária texto-fonte/texto-alvo. Mas já segundo Niranjana, a tradução de um texto influencia o próprio texto-fonte, a própria cultura fonte. Tal abordagem não pretende considerar tais influências entre o texto-fonte e o texto-alvo de maneira negativa ou positiva, impregnada por uma qualquer orientação política. Considerará as interferências, os diálogos, as contaminações, levará em conta o fato de uma tradução não ser um fato isolado. Um pouco segundo as considerações feitas por Lambert e Clem Robyns e citadas por Gentzler que “nenhuma tradução pode ser tratada isoladamente. Pelo contrário, elas são ao mesmo tempo o resultado e o ponto de partida de onde veremos os processos semióticos em ação, na formação de práticas discursivas” (Gentzler, 2009: 235). Segundo Lambert, “todo texto, toda palavra, contém elementos ‘traduzidos’”. Nessa perspectiva, que mais do que diacrônica, pode ser definida como epistemológica, coloca de acordo vários autores que enfrentaram problemas de tradução desde o período pós-estruturalista até os nossos dias.

DA TRADUÇÃO AO TRADUTOR

Encarando a tradução – como já afirmado – como movimento não mais binário, parece-nos inevitável considerar no nosso horizonte de análise em âmbito tradutológico as palavras de Else Ribeiro Pires Vieira, que explicita bem essa *saída* do modelo platônico do Mesmo:

Uma terceira dimensão, ou tomando de empréstimo um dos famosos títulos de Guimarães Rosa, “A terceira margem do rio”, em lugar de binarismos excludentes, informa uma visão de uma transformação bilateral que opera no

limiar do doar e receber, um encontro num terceiro que permite a continuidade e a transformação de um passado. (Vieira, 1996:63)

Saindo *de* e entrando *em* questões epistemológicas inerentes ao processo e ao produto da tradução, frequentemente, é deixada de lado a identidade do tradutor que é solicitado nessa prática. As premissas, aqui tecidas, sobre a definição do nosso campo de estudo foram explicitadas com a intenção de fundir as problemáticas tradução-tradutor, de considerar o problema da *re*-semantização como um problema de identidade e alteridade, como um problema que leva todo o debate sobre a tradução a um nível que é cultural, de construção de identidade do sujeito tradutor. Tal especulação faz-se com a intenção de (de)-mo(n)strar a fusão entre línguas-culturas não só no resultado final da tradução, mas também no sujeito tradutor que vive na instabilidade das línguas, das culturas (Coracini, 1998; 2001;2003;2007;2010); que vive na hibridação linguística e cultural que é geral – pensando no nosso mundo globalizado, pós-colonial, fagocitado e fagocitante, canibalizado e canibalizante – e que também é pessoal, forjadora da identidade de quem vive numa tradução contínua. Digamos que, apesar de vivermos todos em constante tradução como já visto em Gadamer e Steiner (para não falar de outros autores), o problema do tradutor-intérprete é que ele tem a consciência disso, a consciência de traduzir tudo o tempo todo.

Considerando ainda a tradução como interpretação e considerando “a semelhança fundamental entre leitura e tradução” (Larrosa, 2004) orientamo-nos em direção ao eu-tradutor com algumas palavras de Bakhtin que com os *seus* possessivos explicita a questão da identidade construída na alteridade a partir da palavra aberta sempre a novas significações:

Embora não saibamos da mesma tudo o que pode nos dizer, a introduzimos em novos contextos, a aplicamos a um novo material, a colocamos em uma nova situação para obter dela novas respostas, novas facetas quanto a seu sentido e novas palavras próprias (porque a palavra alheia produtiva gera em resposta, de maneira dialógica, nossa nova palavra. (Bakhtin apud Larrosa, 2004:106)

Não parece ter consciência disso, da palavra aberta, a protagonista de *Simultan* de Ingeborg Bachmann, aqui considerado a partir da sua tradução italiana *Simultaneo* (Bachmann, 1980), quando procura a “perfeição”, que, para ela é a equivalência automática das palavras como prova de perfeita capacidade de passar palavras, frases, textos de uma língua para outra. Sinto-me identificada com essa protagonista/tradutora simultânea – do ponto de vista de uma certa superstição que envolve as palavras do

dicionário – que, no final do conto de Bachmann, recolhendo as últimas coisas do quarto de um hotel, vê uma bíblia e, pensando que ela pertença ao seu companheiro de quarto e de viagem, coloca-a na bolsa. Na dúvida, porém, que o livro não pertencesse a ele, tira-o da bolsa e abre-o de maneira supersticiosa, exatamente como geralmente faz com os seus dicionários, procurando “a palavra” para iniciar o dia, para ajudar a esclarecer questões. A comparação entre dicionário e Bíblia, como se o dicionário fosse o Evangelho para um tradutor, é extremamente eficaz como metáfora da necessidade para o tradutor de um “guia” para “iluminar o seu caminho” na decodificação. De fato, para os tradutores, o dicionário é um guia, mas um guia que indica vários caminhos e é o tradutor que deverá escolher esse ou aquele, que deverá decidir a “sua própria palavra” para dar significações novas em contextos diferentes. Assim como o Evangelho, que tem que ser interpretado, qualquer outro texto passa a ser metaforicamente sagrado e pede para ser interpretado.

Nadja não parece ter consciência da contínua atribuição de sentido que um texto adquire com a leitura, com a tradução. A protagonista de *Simultan*, Nadja, quando se desespera, lendo uma das páginas escolhidas dessa Bíblia encontrada no hotel, decide traduzi-la e ao fazê-lo começa a chorar, pensando que não é

bastante competente, não em tudo, estou muito longe de conseguir traduzir tudo. Nunca conseguiria traduzir aquela frase em qualquer outra língua, apesar de saber perfeitamente o significado de cada uma daquelas palavras e de como usá-las, e no entanto não sabia de que substância aquela frase fosse realmente feita. Não era tão competente em tudo (Bachmann, 1980: 44, nossa tradução).²²

Talvez, a angústia de Nadja pertença àquela “dicotomia língua materna/língua estrangeira” que na verdade “se interpenetram na constituição da subjetividade” como formula Coracini (2007), em *A celebração do outro, arquivo, memória e identidade*. Talvez, a rigidez do seu trabalho de tradutora simultânea, que tem que verter noutra língua constantemente as palavras de outro(s), “corretamente”, “perfeitamente”, numa equivalência pragmática de comunicação eficaz, tenha levado Nadja a um automatismo que esvazia a própria mente:

Era mesmo um estranho mecanismo o dela, vivia sem nem mesmo um pensamento na cabeça, imersa nas frases dos outros que imediatamente tinha

22 Non sono abbastanza brava, non riesco in tutto, sono ancora lontana da riuscire in tutto. Non sarebbe mai stata capace di tradurre quella frase in nessun'altra lingua, sebbene fosse convinta di sapere il significato di ciascuna di quelle parole e come andavano usate, e tuttavia non sapeva di quale sostanza quella frase fosse fatta in realtà. Non riusciva in tutto, appunto.

que repetir como uma sonâmbula, mas com sons diferentes: de “machen” sabia conjugar to make, faire, fare, hacker e delat’, era capaz de rodar cada palavra como num mimeógrafo pelo menos seis vezes, só que não tinha que pensar que machen significava realmente machen, faire faire, delat’ delat’, isso transformaria sua cabeça em algo imprestável e ela tinha que tomar muito cuidado para não ser apanhada por aquela avalanche de palavras (Bachmann, 1980: 23, nossa tradução).²³

Ela não tinha que pensar, não tinha que pensar no significado das palavras para poder sobreviver no meio de tantas línguas, de tantos significados. E isso acontece exatamente porque cada palavra está já cheia de significação, não só individual, mas coletiva, social no seu constitutivo dialogismo, como postula Bakhtin:

A palavra não pode ser entregue apenas ao falante. O autor (falante) tem os seus direitos inalienáveis sobre a palavra, mas o ouvinte também tem os seus direitos; têm também os seus direitos aqueles cujas vozes estão na palavra encontrada de antemão pelo autor (porque não há palavra sem dono) (Bakhtin, 2006: 328).

Nos nossos discursos há a nossa voz, impregnados de outras vozes, de outros discursos. A quem pertence a *nossa* palavra, o *nosso* texto, o *nosso* discurso? Construimos a nossa produção linguística com a matéria de que é feita: a língua. De que língua estamos falando? A *nossa* língua, a língua materna. No nosso discurso cotidiano usamos as palavras dos nossos pais, dos nossos avós, dos nossos governantes, dos nossos filhos, dos nossos professores... Tudo isso é plágio, talvez? Estamos falando de direitos autorais? Mas, quem é o autor? Somos todos autores e ao mesmo tempo intérpretes, tradutores de palavras alheias. É na relação dialógica que tudo se constrói, que o nosso texto se constrói. A nossa identidade se constrói a partir do outro. Eu e tu, numa construção contínua de identidades possíveis, de palavras, de discursos, de sentidos. Se o significado da palavra é fixo, “se não esperamos nada da palavra, se sabemos de antemão tudo o que ela pode dizer, ela sai do diálogo e se coisifica” (Bakhtin, 2006:328). Mais uma vez, Bakhtin nos alivia do peso do dicionário, lá não estão todos os significados possíveis. Somos nós *autores (falantes)* que continuamos, perpetuamos a atribuição de sentido, nos diferentes discursos, nos diferentes contextos, nas diferentes situações, históricas, geográficas. E, portanto, a tradução interlinguística

²³Era proprio uno strano meccanismo il suo, viveva senza un solo pensiero in testa, immersa nelle frasi degli altri che immediatamente doveva ripetere come una sonnambula, ma con suoni diversi: di “machen” sapeva fare to make, faire, fare, hacer e delat’, era capace di girare ogni parola come su un rullo per ben sei volte, soltanto non doveva pensare che machen significava veramente machen, faire faire, fare fare, delat’ delat’, questo avrebbe reso la sua testa inservibile e lei doveva stare molto attenta a non venire un giorno travolta da quella valanga di parole.

perpetua essa produção na transposição de palavras, textos, discursos, de uma língua para a outra.

Quem é esse autor-falante-tradutor? Com que língua lida? Que cultura tem dentro de si e leva consigo? Que relacionamento tem com o texto e com o autor do texto? Encarando a tradução como produção textual, o tradutor lida com uma coralidade e dialoga com possibilidades de significação que habitam cada molécula do texto e qualquer âmbito de análise do mesmo. Bakhtin esclarece bem essa complexidade na produção de *sentido*:

Cada conjunto verbalizado grande e criativo é um sistema de relações muito complexo e multiplanar. Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente. (Bakhtin, 2006: 330)

“Soam concomitantemente”, essa concomitância, tal simultaneidade de palavras, que faz com que tenhamos que “escolher” as palavras que se acavalam na nossa mente, esse é o problema da expressão, da verbalização na cadeia sintagmática. Nadya, em *Simultan*, é uma tradutora simultânea, traduz “simultaneamente”, isso é isso, aquilo é aquilo. Chega. Não tem que pensar, dessa forma as línguas ficam separadas, de maneira definitiva (Babel!?). Não há contaminação, cadeira é sedia. Palavra é parola. Chega. A simultaneidade de palavras nos deixa afásicos. Antes da escolha da palavra no *abismo* das línguas, não temos nenhuma palavra. Mesmo quando sabemos que cadeira é sedia, naquele contexto, talvez, não temos que traduzir assim e não sabemos o que dizer, o que escrever. Não falamos, não escrevemos, ficamos “sem palavras”, na simultaneidade delas. A simultaneidade leva ao mutismo, à afasia. É o que acontece com Nadya.

Uma proposta de análise mais exaustiva do conto de Bachmann, das questões oriundas do habitar várias línguas e do consequente sentimento de estranheza na própria língua; da ilusão de controle sobre a língua por parte do intérprete de línguas (mas também por parte de qualquer falante, como teorizado pela Análise do Discurso de linha francesa); da impossibilidade de passar de uma língua para outra sem implicações e de maneira técnica, como se as palavras fossem mono-significativas, além de outras temáticas que expõem os estudos da tradução a uma contaminação com outras disciplinas como a psicanálise, a Análise do Discurso, entre outras, é feita em Chulata (2016). Consideramos bastante paradigmático o conto *Simultan*, pois

explica de maneira exemplar a condição de todo ser vivo e de linguagem, por isso é compreensível e se justifica o interesse que suscitou não só em âmbito linguístico, graças às conexões com a interpretação e a tradução, mas também em âmbito semiológico e filosófico (Chulata, 2016:76-77, nossa tradução)²⁴

O CASO E OS DIÁLOGOS

Como vimos, a interferência de diferentes significados numa palavra, a interpretação inevitável que está contida em cada palavra, a tradução contínua que fazemos do mundo são parte integrante da nossa vida-em-sociedade, da nossa vida de falantes-ouvintes-interpretantes-tradutores-intérpretes. Como podemos separar tudo isso do trabalho de tradução interlinguística? Como podemos não considerar todas as influências linguísticas que sofremos cotidianamente e ao longo da nossa vida? Eu-tradutora português-italiano e vice-versa não tenho certeza que deixo as coisas separadas, que cadeira é sedia. Não tenho certeza da pureza do *meu* português e do *meu* italiano. São os dois *meus* e por isso carregados de influências linguísticas e culturais da cultura-língua que atravesso ao longo da minha vida. Quais são as vozes que escuto quando faço uma tradução? Quais são os meus modelos literários?

A tradução do português para o italiano não é a chamada “tradução ideal”, porque não é a tradução para a minha língua materna. Quando faço uma tradução para o português, o texto sofre inevitavelmente das influências do meu contexto de vida, da língua que ouço continuamente. Vivo numa situação híbrida contínua. O que faço na tradução em italiano ou em português é forjar um modelo “ideal” na literatura-língua outra na multiplicidade da própria língua, da própria identidade linguística e cultural. A minha, geralmente, é uma tradução imprópria que tem como língua alvo a língua estrangeira. É uma tradução que joga e se determina no espaço de contaminação entre duas línguas-culturas; no espaço fluido, porque pessoal no sentido da experiência linguística e cultural única, de cada sujeito. Quais são as consequências de uma tradução “imprópria”?

Para tentar senão dar respostas pelo menos refletir sobre clichês em questões de tradução e rever conceitos bastante estáveis em relação à tradução e ao tradutor,

24 “spiega in modo esemplare la condizione di ogni essere vivente e parlante, se ne comprende e giustifica l’interesse che ha suscitato oltre che in ambito linguistico - per gli aspetti connessi all’interpretazione e alla traduzione - anche in ambito semiologico e filosofico”.

apresentamos um caso específico de tradução com a ajuda de algumas referências úteis neste contexto.

Faço o exemplo da tradução do poema *Oração pelo poema*, de Alberto da Cunha Melo em italiano. Na apresentação da edição italiana do livro escreve Cláudia Cordeiro:

É em português e italiano a primeira edição de um áudio livro desse escritor, sociólogo e jornalista pernambucano. Reinaugura-se, assim, com tessitura inédita a “estranha beleza” (BOSI, 1999) da arte de Alberto da Cunha Melo e reitera-se, aqui, o valor e a verdade de sua arte, que transcende à sua emigração em 13 de outubro de 2007 atravessando as fronteiras da língua de Camões para conquistar os da língua de Dante.

Nas palavras da crítica literária e esposa do autor ecoam aquelas ideias, aqueles conceitos sobre a revitalização da palavra escrita ou dita, sobre a palavra aberta que resulta em textos, em discursos. A “tessitura inédita” revela o trabalho de re-elaboração, re-significação, com as linhas de Alberto da Cunha Melo teceu-se o novo texto, produzindo um novo efeito, um novo som e uma nova matéria. O Poema de Alberto da Cunha Melo é já uma tradução de uma tradição poética e filosófica que, de maneira inevitável, foi absorvida e metabolizada pelo autor. Tradição outra, tradição estrangeira e tradição nacional, o Nordeste da tradição clássica que menos sofreu as “tentações” do Modernismo do sul do país. Com a tradução em italiano, parte da tradição estrangeira volta à origem, volta ao velho mundo. Percebemos a vida em mutação através da tradução: é a viagem de ideias, de modelos poéticos e filosóficos, dos clássicos do velho mundo para uma língua portuguesa-em-movimento falada-escrita no Brasil sincrético e mestiço, que continua por meio da tradução em italiano. A tradução desmonta, monta e remonta num processo de perpetuação e inovação (pensemos na semiose ilimitada, de Lambert e Robyns, e em Eco para quem a tradução é idêntica à cultura, concebida menos como um fenômeno estático do que como uma interminável tradução de signos para signos).

Segundo tais premissas, podemos associar a tradução a uma “desconstrução”, em sentido derridiano. E esse propósito, o da desconstrução, nos parece adequado para colocar em relação o trabalho da tradução de *Oração pelo poema*, aqui proposto. Tomamos o exemplo de “Carta a um amigo japonês”, em que Derrida enfrentará a questão da tradução para tentar explicar a seu tradutor japonês o significado da palavra desconstrução. Deixará claro que a questão da Desconstrução se coloca num plano complexo e de difícil definição, portanto, passa a definir o que é Desconstrução a partir do que ela “não é”. Tradução e Desconstrução são da mesma ordem para Derrida. Para

o filósofo francês, “a questão da desconstrução é também de um lado a outro a questão da tradução e da língua dos conceitos, do *corpus* conceitual da metafísica dita “ocidental”” (Derrida, 2009:21). Finalizando sua carta, Derrida, de maneira bastante *peçoana*, esclarece, sem no entanto esclarecer, essa palavra/conceito tão enigmática para tradutores e não somente para eles: “O que a desconstrução não é? É tudo! O que é a desconstrução? É nada!” (Derrida, 2009: 27). Derrida, talvez na tentativa de orientar seu tradutor, fala de tradução, falando ainda de desconstrução:

Não acho que a tradução seja um acontecimento secundário e derivado em relação a uma língua ou a um texto de origem. E como acabo de dizer, “desconstrução” é uma palavra essencialmente substituível em uma cadeia de substituições. Isso se pode também fazer de uma língua para outra. A possibilidade para (a) “desconstrução” seria que uma outra palavra (a mesma e uma outra) se encontrasse ou se inventasse em japonês para dizer a mesma coisa (a mesma e uma outra), para falar da desconstrução e para conduzi-la para um outro lugar, escrevê-la e transcrevê-la. Em uma palavra que seria também mais bela (Derrida, 2009: 27).

DIÁLOGOS FINAIS

Para encaminhar nossa discussão ao remate, retomamos aqui a questão da escrita já como tradução para melhor esclarecer e fundamentar a tese da identidade fluida do tradutor, uma identidade que se constrói na própria língua-cultura e na língua-cultura do outro. Podemos dizer, também, que é uma identidade que se assume como alteridade, na multifacetação das possibilidades, como um ritual antropofágico na perpetuação e transformação das características do *outro*, do inimigo. A esse propósito, lembramos, aqui, o conceito de tradução-arte de Augusto de Campos: esse tipo de tradução, a “tradução criativa”, liga-se diretamente ao percurso estético de Augusto, aos modos da poesia concreta naquela recuperação da Antropofagia oswaldiana. Como afirma o poeta, em entrevista concedida à Folha de São Paulo, “A Antropofagia, entendida em termos oswaldianos, tem o significado de uma assimilação cultural seguida de uma reelaboração criativa, como os poetas concretos a interpretaram”²⁵, como o processo de tradução intersemiótica.

25 Saudades do futuro. Experimentação ontem e hoje. Entrevista a Augusto de Campos. Folha de São Paulo 13.12.2015.

Outra bússola para reforçar o conceito tradutor-entre, tradutor singular e plural, que se coloca na própria língua e na língua do outro, principalmente no caso de tradução aqui proposto, citamos algumas orientações sobre tradução nas cartas entre Guimarães Rosa e o seu tradutor italiano, Edoardo Bizzarri. São orientações sobre a escritura, sobre a tradução e o relacionamento autor-tradutor. São orientações abertas à contaminação, à recriação, que derrubam fronteiras e eliminam purismos e dogmas, endereçando o conceito de verdade para o horizonte das possibilidades:

Eu, quando escrevo um livro, vou fazendo como se o estivesse “traduzindo”, de algum alto original, existente alhures, no mundo astral ou no “plano das ideias”, dos arquétipos, por exemplo. Nunca sei se estou acertando ou falhando, nessa “tradução”. Assim, quando me “re”-traduzem para outro idioma, nunca sei, também, em casos de divergência, se não foi o Tradutor quem, de fato, acertou, restabelecendo a verdade do “original ideal”, que eu desvirtuara...” (Rio, 4 de dezembro de 1963:74)

e ainda: “eu ‘continuo’, no texto seu italiano, e, não duvide, em muitas passagens me sinto superado, ultrapassado” (Rio, 5 de abril de 1963:14); “não se prenda estreito ao original” (Rio, 4 de dezembro de 1963: 75)

Onde está o original, então? Escritura e identidade misturam-se nas palavras dos escritores: “eu ‘continuo, no seu texto italiano”, diz Guimarães, refletimo-nos na nossa língua, na nossa linguagem. A língua somos nós, a linguagem contém a nossa identidade que se forma a partir da linguagem de outros.

A propósito da alteridade, no horizonte linguístico e não somente nele, a diversidade de padrões e a variação é a base para qualquer estudo científico. Apesar da ampla literatura sociolinguística, ainda precisamos marcar a “diferença”, a “variedade” em relação aos padrões estabelecidos e patenteados como estáveis. Atestando mais uma vez a necessidade de varrer o pó do purismo positivista em questões linguísticas, Carlos Alberto Faraco (2016) fala de “atualizar fontes de referência”, que é o que provavelmente teóricos e práticos da tradução deveriam fazer. Pensemos que ainda hoje se fala de “fidelidade” em tradução como se ser fiel significasse endeusar o original e subalternizar a tradução (cf. Chulata, 2016). Faraco, de fato, nos lembra que

o purismo, qualquer que ele seja (étnico, religioso, político-ideológico, linguístico), tem um fundo comum: a recusa do outro, do diverso, do diferente. Ora, é a diversidade que faz a grandeza da vida e da cultura humana. Assim, qualquer tentativa de se definir um chão comum em meio a diversidade e à mudança não pode se fazer tendo como preço o apagamento

ou o silenciamento do outro, da diversidade, da diferença (Faraco, 2016: 214-215).

Portanto, o outro no contexto da tradução se apresenta como o outro texto, na sua complexa tessitura de significações, como postula Bakhtin, mas também se apresenta como o tradutor, produtor de sentido e tecedor de um texto outro, a chamada tradução. Nesse jogo de alteridades marcamos nossas singularidades, produzindo eventos textuais abertos.

A esse ponto, o tradutor que aqui apresentamos, de língua portuguesa que traduz para a língua do outro é singular enquanto habita a língua do outro autorizado pela constitutiva característica híbrida das línguas. Podemos dizer que essa identidade é sempre híbrida, é sempre em formação porque reflexo e refletida na língua, no texto, no discurso. Podemos dizer que quando falamos de identidade estamos falando de língua:

[...] assumo identidade a partir de teorias do discurso e da psicanálise que a concebem como instável, sempre em movimento, heterogênea e conflituosa, ou melhor, como ilusão ou “sentimento de totalidade que torna presente o que está ausente e temporalmente adiado. (Coracini, 2007:198)

Parece que estamos a falar de tradução nas palavras de Coracini. Essa hibridação linguística e identitária é uma realidade das línguas e dos humanos. A esse ponto “original” e tradução são o *mesmo* e o diferente a um só tempo. Um “eu” que traduz e está sempre *in mezzo* de línguas, de identidades, de histórias, que vive na hibridação consciente que não há pureza, ou que talvez a pureza é somente a capacidade de se exprimir a liberdade de nos *re*-apropriarmos de tudo o que é ao nosso redor, pelo menos momentaneamente. Dessa forma temos a impressão da totalidade. É a maneira de superar a nossa grande parcialidade de tudo, da linguagem, do sentimento, da razão. Um “eu” que traduz da sua língua materna para uma língua estrangeira e vive completamente na língua/cultura do outro, é provavelmente um tradutor sem fronteiras, sem passaporte, uma espécie de clandestino que se autoriza sozinho.

Eu-tradutora não da cultura do *outro*, mas eu-tradutora da *minha* língua/cultura para a língua cultura do *outro*, que também é a *minha*. Será, talvez, delírio de posse do tradutor?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bachmann, Ingeborg. 1980. Simultaneo. In: Bachmann, Ingeborg. *Tre sentieri per il lago e altri racconti*. Tradução italiana Amina Pandolfi. Milano: Bompiani. p. 9-45.

Bakhtin, Mikhail. 2006. *Estética da Criação Verbal*. Tradução brasileira Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.

Chulata, Katia de Abreu. 2016. *Il traduttore: mito e decostruzione di una identità*. Milano: Led.

Coracini, Maria José. 1998. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade. *Letras & Letras*. v. 14, n.1. Uberlândia: UFU, p. 153-170.

Coracini, Maria José (Org.). 2001. *O jogo discursivo na aula de leitura (Língua materna e língua estrangeira)*. Campinas: Pontes.

Coracini, Maria José. 2007. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. São Paulo: Mercado das Letras.

Coracini, Maria José; Bertoldo, Ernesto S. (Orgs.). 2003. *O desejo da teoria e a contingência da prática – Discursos sobre/na sala de aula*. Campinas (SP): Mercado de Letras.

Coracini, Maria José. 2010. A (auto-)censura na tradução: uma questão de identidade. In: Lima-Hernandes, Maria Célia; Chulata, Katia de Abreu (Orgs.). *Língua Portuguesa em foco: ensino-aprendizagem, pesquisa e tradução*. Lecce: PensaMultimedia. p. 179-190.

Derrida, Jacques. 2009. “Carta a um amigo japonês”. In Paulo Ottoni (org.), *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Editora da Unicamp.

Eco, Umberto. 2004. *Dire quasi la stessa cosa, Esperienze di traduzione*. Milano: Bompiani.

Faraco, Carlos Alberto. 2016. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola.

Gadamer, Hans-Georg. 1984. *Verdad y método*. Salamanca: Sígueme.

Gadamer, Hans-Georg. 1998. “Leer es como traducir”. In *Arte y verdad de la palabra*. Barcelona: Paidós.

Gentzler, Edwin. 2009. *Teorias Contemporâneas da Tradução*. Tradução brasileira Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras.

Lambert, José; Robyns, Clem. 2004. Translation. In Posner, Roland et al. *Semiotik. Ein Handbuch zu den zeichentheoretischen Grundlagen von Natur und Kultur*. Berlin-New York: Walter de Gruyter. v. 4. p. 3594-3614.

Larrosa, Jorge. 2004. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Tradução brasileira Cynthia Farina. Belo Horizonte (MG): Autêntica.

Leopardi, Giacomo. 2004. *L'arte dello scrivere. Pensieri sull'alfabeto, la scrittura e lo stile*. Milano: Marinotti.

Melo, Alberto da Cunha. 2003. *Dois Caminhos e uma oração*. São Paulo: A Girafa.

Niranjana, Tejaswini. 1992. *Siting Translations: History, Post-Structuralism, and the Colonial Context*. Berkeley: University of California Press.

Rosa, Guimarães; Bizzarri, Edoardo. 1972. *J. Guimarães Rosa correspondência com o tradutor italiano*. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-brasileiro.

Steiner, George. 1977. *After Babel. Aspects of Language and Translation*, Nova York: Oxford University Press.

Vieira, Else Ribeiro. 1996. *Revista de Estudos de Literatura*, outubro, v. 4, p.61-80. Belo Horizonte. Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>, acesso em: 12 fev. 2011.